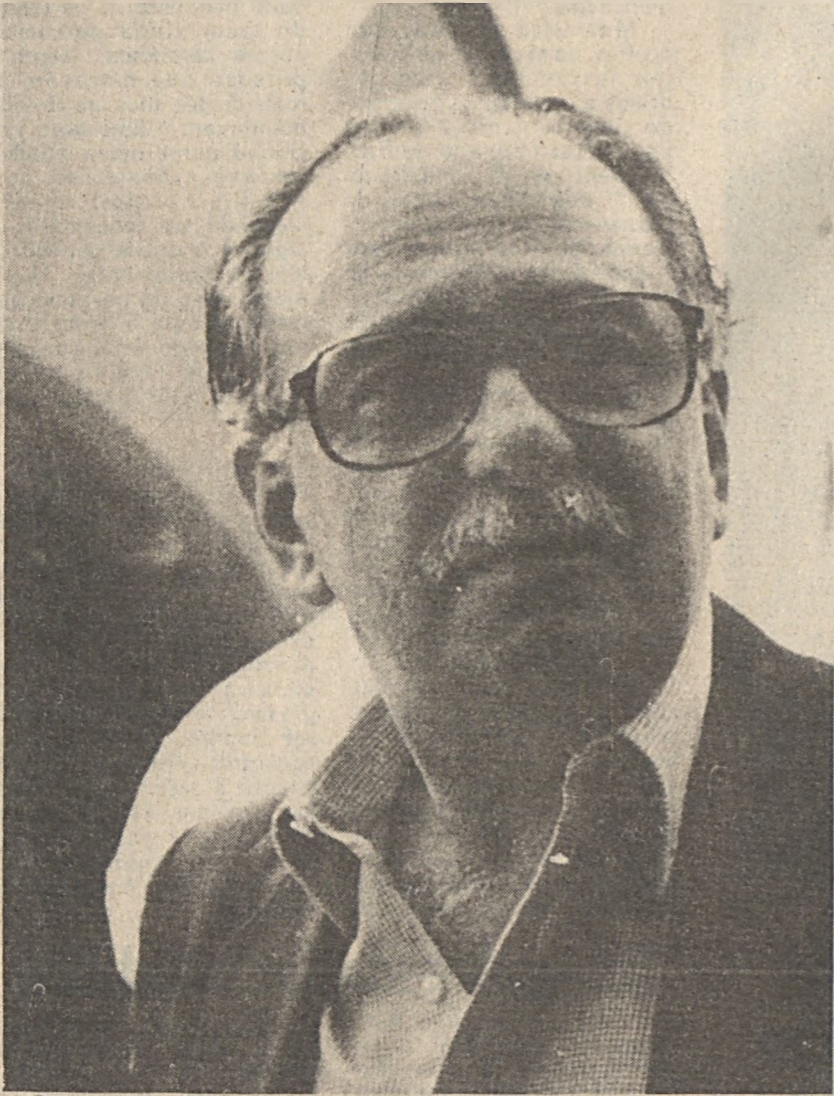


Graças a uma "brecha" na lei que permitiu eleições para Brasília, mais de oitenta mil pessoas que votam fora poderão ter dois domicílios eleitorais

Flamengo e Bangu revivem decisão pela segunda vez entre os dois clubes. Uma, a de 66, deu briga no Maracanã, com Almir de pívô. A de hoje, espera-se futebol.

# Aparecido: Brasília precisa de eleições



Roque de Sá

O governo José Aparecido despediu-se ontem em Aguas Claras

**"Enquanto a população não indicar, através de eleições, seus representantes, fica difícil, se não impossível, para Brasília, erguer sua voz de protesto contra políticas federais que produzam efeitos perversos sobre nossa realidade".**

A experiência de reimplantação da democracia no Brasil recoloca Brasília no mapa não apenas dos grandes interesses econômicos, mas também da grande simpatia e curiosidade internacionais.

**"Entendo que Brasília sofre um duplo processo de castração depois de 64. Não apenas deixou de ser ouvida como parte integrante da sociedade brasileira, como abandonou a dimensão simbólica para a qual foi planejada por seus fundadores".**

E uma vergonha nacional que só agora, em 1985, o governo venha a se preocupar em combater a miséria absoluta em que vive metade da população brasileira.

**"Estamos criando um banco de projetos não apenas para o Distrito Federal como para os municípios vizinhos".**

Estes são os principais tópicos da entrevista coletiva que o governador José Aparecido concedeu ontem, ao fazer, nas vésperas de sua viagem à Europa, um verdadeiro diagnóstico dos problemas e das perspectivas da nossa capital.

**Governador, depois de sete meses no Palácio do Buriti, como o sr. julga o seu governo?**

— Com essa pergunta parece que você quer encerrar a entrevista.

**Não. O que eu quero é saber como o sr. avalia o seu governo?**

**José Aparecido** — Essa avaliação deve ser feita pela população do Distrito Federal. Como político, a minha preocupação permanente é o julgamento da opinião pública. Eu quero que o meu governo sempre faça mais do que pode, não por vaidade pessoal, mas porque vivemos num estado de permanente frustração do povo. Quem busca ou aceita uma função pública, num país como o Brasil, deve ter a consciência nitida de que, por mais que faça, ainda está em débito com o povo.

**Mas Brasília tem apenas 25 anos...**

— Sim, a cidade tem apenas 25 anos, mas o povo brasileiro tem mais de 400. Este é um dado sociológico de suma importância. E preciso olhar Brasília, o Distrito Federal, como proposta de uma nova estrutura urbana destinada a servir de alavanca para mudar uma estrutura social arcaica, profundamente injusta. Ao decidir-se pela interiorização da capital federal, Juscelino Kubitschek tinha plena consciência de que abria para a sociedade brasileira um novo ciclo de lutas e de conquistas. Nós somos a capital e somos, ao mesmo

**Quem busca ou aceita função pública no Brasil deve ter a consciência de que, por mais que faça, ainda está em débito**

tempo, o grande eixo rodoviário da Nação, o sítio de convergência e de encontro de todas as regiões do país. Esta circunstância determina as duas grandes vertentes da realidade de Brasília: de um lado este é o ponto de irradiação das grandes decisões nacionais, a sede do poder político do país; de outro lado, Brasília transformou-se na miragem para onde caminham as populações desesperadas do Centro-Oeste, do Nordeste e do Norte, em busca de emprego, casa, saúde, escola...

**O sr. quer dizer que Brasília ultrapassa o seu espaço físico, territorial, não?**

**José Aparecido** — E ultrapassa em mais de uma dimensão. No espaço físico e também no espaço simbólico, que é uma dimensão mágica e política, ao mesmo tempo. O que significa, por exemplo, a explosão demográfica de Brasília? A cidade foi planejada para ter meio milhão de habitantes no fim do século. No entanto, o Distrito Federal já contava, no último dia 1º de julho, conforme estimativa do IBGE, com mais de um milhão e seiscentos mil habitantes. É claro que esta pressão demográfica, sem paralelo no país, teria que tornar, como tornou, obsoletas todas as estimativas da infra-estrutura urbana.

**Teria, então, havido um erro colossal de avaliação dos planejadores de Brasília...**

— Não, de modo nenhum. O que houve, fundamentalmente, foi que os vinte anos de regime discriminatório aumentaram brutalmente os desequilíbrios de renda entre regiões, levando à miséria absoluta enormes contingentes populacionais sobretudo do Norte e do Nordeste, mas também do interior de Minas e de Goiás. Quando se olha tudo o que foi feito em Brasília

nesses vinte anos, chega-se à conclusão de que o Distrito Federal contou com administradores impotentes, politicamente, para erguerem sua voz contra as fontes de pressões que tornavam inviável, cada vez mais, o planejamento inicial da cidade.

**Brasília foi vítima, então, da política econômica nacional...**

Digamos que o Distrito Federal sofreu o impacto de centenas de milhares de vítimas da política econômica dos sucessivos governos autoritários. Aqui é que se coloca o problema da representatividade política da população do Distrito Federal. Enquanto a população não indicar, através de eleições, seus representantes políticos, fica difícil, se não impossível, para Brasília, erguer a sua voz de protesto contra políticas federais que produzam efeitos perversos sobre a nossa realidade.

**O sr. considera, então, que a representação política é fundamental para a administração do Distrito Federal?**

Política é termômetro e bússula. Ela mede a pressão social e indica caminhos, roteiros, cenários para a

## O Distrito Federal sofreu o impacto das centenas de milhares de vítimas da política econômica ditada pelos governos militares

solução dos problemas e dos conflitos. Sob este aspecto, eu entendo que Brasília sofreu um duplo processo de castração, depois de 64. Não apenas deixou de ser ouvida como parte integrante da sociedade brasileira, como abandonou a dimensão simbólica para a qual foi planejada por seus fundadores.

**O que o sr. quer dizer com a expressão "dimensão simbólica"?**

A cidade como centro irradiador de cultura, de comportamento, de experiências administrativas. Nós somos uma cidade permanentemente visitada pelo Brasil inteiro. Com a abertura política, passamos a receber caravanas de postulantes de direitos postergados, que procuram exercer pressão legítima sobre o Congresso e o Poder Executivo. Isto torna Brasília não apenas "a capital da esperança", como queria Malraux, mas também a cidade da aflição, do desespero. Este é o lado, digamos doméstico, da questão. Existe também a dimensão internacional da cidade. A experiência de reimplantação da democracia no Brasil recoloca Brasília no mapa não apenas dos grandes interesses econômicos, mas também da grande simpatia e curiosidade internacionais.

**Governador, essa visão majestosa que o sr. tem da cidade não se harmoniza com os conflitos que o seu governo tem provocado. O sr., às vezes, dá a impressão de ser mais autoritário do que os governadores militares.**

— Então é sinal de que eu tenho fracoçado no meu esforço de comunicação com a população de Brasília. Seria melhor que você citasse esses conflitos para nós analisarmos os motivos e as razões da ação do governo.

**Na questão dos loteamentos, por exemplo, houve-se muita reclamação de que o governo agiu precipitadamente, generalizando as infrações.**

— Em primeiro primeiro lugar nunca houve nenhuma ação precipitada. A população precisa saber, se é que já não sabe, que grande parte da área rural do Distrito Federal, que não é grande e que constitui reserva estratégica de espaço para o futuro, estava sendo esvaziada sem nenhum respeito à lei. Em alguns casos com invasão à ecologia, com poluição de nascentes de águas de que se abastece a população. Este quadro não poderia continuar e não vai continuar. A violência, no caso, partiu de quem agiu ilegalmente, lesando milhares de compradores e envolvendo o povo em operações que poderiam representar prejuízos para muita gente.

**Mas nem tudo era invasão...**

— A palavra invasão atinge a muita gente. Os pobres invadem terrenos para construírem seus barracos e são removidos como "invasores". Os ricos invadem áreas públicas, mas não querem ser tratados de "invasores". O governo está pedindo licença para reaver não a totalidade das áreas verdes cercadas por particulares. Eu diria que estamos pegando menos de 10 por cento das áreas verdes privatizadas para permitir que a população tenha acesso à margem do Lago. Brasília não pode deixar passar a imagem de que é a cidade do favoritismo, do pistóla, da mordomia. Que moral teria o governo que agisse intencionalmente contra invasões dos pobres, que agem por necessidade e não por ostentação de status residencial, e fingisse ignorar as invasões dos ricos?

Brasília sofreu muitas deformações em seu plano original e foi invadida por uma massa de habitantes para a qual nunca foi planejada, nem estava preparada. Mas ainda temos condições, se agirmos rápido, de corrigir muitas distorções. Foi por esse motivo que pedi a ajuda dos eminentes brasileiros que são Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Burle Marx.

A cidade planejada para 500 mil habitantes, está próxima de atingir 2 milhões de habitantes e precisa ser reequipada, reestruturada para esse desafio. Sobre tudo para o desafio imediato das condições de vida nas cidades-satélites, que abrangem 75 por cento da população do Distrito Federal.

Taguatinga e Ceilândia formam um conjunto populacional superior ao de cinco das oito capitais do Nordeste. Medite nessa realidade. Essas duas satélites, que na verdade formam uma só, são maiores, em população do que cinco capitais do Nordeste. No entanto, o Hospital Regional de Taguatinga e o Hospital Regional da Ceilândia...

**Haverá recursos para o reequipamento não apenas da rede hospitalar, mas de toda a cidade, como o Sr. diz.**

— A fim de melhor coordenar as ações de meu governo, racionalizando a aplicação de recursos e direcionando-os para desafios fundamentais, preparamos o Programa de Ação a Curto Prazo, em aplicação no semestre que está findando neste claro mês de dezembro. Ao mesmo tempo, começamos a montar o planejamento das atividades governamentais para os próximos três anos. Nomeei um Conselho de Alto Nível, composto por todos os secretários do GDF, mais o presidente da Codeplan, para traçar as diretrizes do I Plano Trienal (1986-88) no Distrito Federal.

**A população está sendo ouvida?**

— Para captar e coordenar as propostas da população, com vistas ao Plano Trienal, criei uma Comissão Consultiva, com vinte representantes da sociedade organizada, entre os quais sindicalistas e profissionais liberais.

**De onde virão recursos para tirar o atraso de investimentos?**

— Assim como a deterioração das condições de vida de Brasília resultou de políticas econômicas perversas para as populações de baixa renda, adotadas ao longo dos últimos vinte anos, deve-se contar com os programas da Nova República, em que está empenhado o presidente José Sarney, para uma inversão dessa tendência. Não é por acaso que a prioridade absoluta do governo é a retomada do desenvolvimento, e dentro do desenvolvimento, a questão social. E uma vergonha nacional que só agora, em 1985, o governo venha a se preocupar em combater a miséria absoluta em que vive metade da população brasileira.

## E uma vergonha que só agora o governo venha a se preocupar em dar combate à miséria absoluta em que vive metade dos brasileiros

**Mas esses programas não resolverão o nosso problema.**

— O que eu quero dizer é que temos que operar nossas próprias energias e lutar para que as grandes decisões nacionais, sobretudo de política econômica e social, operem o milagre de melhorar rapidamente as condições de vida de todos os brasileiros. Temos que operar em círculos concêntricos: o nacional, o regional e o local. As políticas deflagradas pela Nova República estimulam sólidas esperanças. No que diz respeito à região geoeconômica, o entorno de Brasília, como disse, ainda ontem, ao senador Henrique Santilo, estou desenvolvendo vários programas com o governador Iris Rezende, os dois juntos fazendo pressão sobre o Governo Federal, para acelerar o desenvolvimento rural, criar indústrias de transformação, dinamizar os projetos de micro, pequenas e médias empresas. As respostas têm sido positivas.

**E no plano local?**

— Desde logo senti a necessidade de criação da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo, que era uma antiga esperança da população de Brasília, para criar novas perspectivas de economia do Distrito Federal. O desaquecimento da economia brasileira no período de 1982-84 refletiu-se imediatamente na indústria de construção civil do Distrito Federal, que encontrei estrangulada. Só no primeiro semestre deste ano cerca de 5 mil empregados foram dispensados. Como resultado das providências adotadas pelo meu governo (aceleração de licitações de órgãos públicos para construção de edifícios e obras de engenharia, aplicação do IPTU progressivo sobre terrenos não edificados, gestões junto à Caixa Econômica e UnB para liberação de terrenos)

abrimos perspectivas para a criação de 15 mil empregos diretos, com reflexos na criação de 42 mil empregos indiretos e reanimação do comércio de materiais de construção, alimentação e vestuário. Com respeito à indústria de transformação, a minha preocupação básica é incrementar a indústria de alimentação, com a instalação de agro-indústrias e fábricas de alimentos. Este programa está passando pelo apoio às atividades agrícolas, através dos Núcleos Rurais, até a implantação, no DF, de duas usinas de beneficiamento de soja, cujo início de operação está previsto para o primeiro semestre de 1987 e capacidade inicial de esmagamento de grãos calculada em 600 toneladas/dia. Também é importante, pela demanda existente no Distrito Federal, o incremento da indústria de vestuário. Haverá uma Central de Compras para baixar o custo dos insumos básicos das empresas (micro-empresas) que participarem do parque fabril de vestimentas. Outro ramo importante a ser incentivado é o da Indústria Eletrônica e de Informática. O incentivo justifica-se pelo nível de consumo dos produtos desse ramo, em vista dos inúmeros micros, médios e grandes computadores instalados em Brasília. Uma fábrica de acessórios e suprimentos é inadiável. O BRB já dispõe de linhas de crédito superior a 1 bilhão de cruzeiros para financiar a instalação de microempresas e essa linha de crédito será substancialmente aumentada nos próximos anos. Estamos criando um Banco de Projetos não apenas para o Distrito Federal como para os municípios vizinhos. Espero modernizar, com essa providência, o diálogo com o empresário, já adotadas ou em vias de serem adotadas para a reativação da economia do Distrito Federal e da região serra canavieira.

**Governador, depois de sua cassação o sr. projetou-se politicamente como um grande promotor cultural. Foi do Ministério da Cultura, aliás, depois de ter exercido a Secretaria da Cultura em Minas, que o sr. foi pincado para o Governo do Distrito Federal. No entanto, não são os programas culturais que caracterizam o seu governo. Como o Sr. explica isso?**

— Duas coisas coisas me levaram a atuar politicamente no campo da Cultura. Em primeiro lugar, como mineiro, entristeci-me o abandono e a destruição do grande acervo cultural do meu Estado e, por extensão, do Brasil. O segundo fato, profundamente constrangedor, que me empurrou para a dimensão cultural, foi a localidade com que o regime anterior passou a tratar nossos artistas e nossos escritores. A censura brutalizante foi apenas uma face da repulsa do regime autoritário às manifestações artísticas. O que houve mesmo foi marginalização política dos artistas, não raro submetidos à violência, à prisão, ao cerco econômico e moral. O meu trabalho na Secretaria de Cultura de Minas tinha o sentido político de um compromisso e foi com esta missão que tomei posse no Ministério da Cultura.

**Mas ao tomar posse no Governo do Distrito Federal, parece que o Sr. esfriou esse entusiasmo?**

— De modo nenhum. Antes de cometer essa injustiça, você precisa levar em conta que só na metade do ano, com todos os recursos comprometidos, foi possível criar a Secretaria de Cultura, que ainda depende, como outras Secretarias, da aprovação do Congresso Nacional. No entanto, tenho dado completa assistência à Assessoria de Cultura, hoje completamente revitalizada pela prof. Vera Pinheiro, embora operando ainda com as limitações orçamentárias estabelecidas pelo governo anterior. Como não podia ficar de braços cruzados, procurei e obtive o apoio do empresariado nacional para a realização de diversas obras. Por exemplo: o Panteão da Liberdade e da Democracia, em homenagem à memória de Tancredo Neves, já está sendo construído pela Fundação Bradesco na Praça dos Três Poderes e será inaugurado no próximo dia 21 de abril, pela decidida ajuda do presidente Amador Aguiar. Oscar Niemeyer doou o projeto e acompanha de graça a realização da obra: A EBE (Empresa Brasileira de Engenharia S.A.) doou os projetos de engenharia, com a Datum Consultoria e Projetos Ltda. Do mesmo modo, as obras de restauração e conclusão da Catedral Metropolitana; o monumento mais representativo da cidade, estão sendo financiadas por recursos obtidos por um grupo de empresários tendo à frente o Dr. Lindberg Aziz Cury, presidente da nossa Associação Comercial. No dia 10 de outubro firmei convênio com a Fiat Automóveis S.A., para financiamento das obras de construção do "Gran Circo-Lar", no Plano Piloto, que vem ao encontro da urgente necessidade de alguma ocupação na área hoje baldia do Setor Cultural Sul.

## Novo estilo de viajar

José Duilio

De malas prontas, passaporte vermelho no bolso, segue amanhã para a Europa o governador José Aparecido atendendo convite da prefeitura de Roma. Ele vai ao Papa, no Vaticano. Depois segue até Paris. Voa a Madrid, passa por Lisboa e regressa ao Brasil. São duas semanas de ausência. Aqui, o fiel Guy de Almeida toma conta da casa.

Todos que acompanham o Governador não dependem dos recursos financeiros do GDF. Até a passagem de José Aparecido foi cortesia da Varig. De Vera Pinheiro, secretária de Cultura também, José Silvestre Gorgulho, secretário de Comunicação Social, teve passagem cedida pela Embaixada da Espanha e é convidado do governo de Madrid. Os outros, o padre Antonio Godinho, com recursos do Museu de Arte Sacra de São Paulo e Angelo Oswald Araújo, por conta do Serviço Patrimônio Histórico Artístico Nacional. O presidente do Supremo já se encontra em Roma, como também o primeiro diretor administrativo da Novacap Ernesto Silva. A família do Governador — a mulher e dois filhos — está em Paris aguardando a chegada de José Aparecido que fez questão de esclarecer: — viajaram com dinheiro do meu bolso, da minha poupança.

Três outros nomes vão tomar parte no Seminário Roma-Brasília: Tradição e Realidade de duas Capitais — a arquiteta Maria Eliza, filha do urbanista Lúcio Costa, convidada da Prefeitura da capital italiana e dois professores da UnB financiados pelo CNPq.

Hoje, o governador José Aparecido tem vários encontros em Minas Gerais e será homenageado em duas cidades: Serro e Barbacena. Dorme em Belo Horizonte e amanhã vai ao Rio de Janeiro. De lá embarca para Europa obedecendo o seguinte roteiro: Roma, Vaticano, onde receberá a bênção do papa João Paulo II.

O Núncio esteve me visitando e disse que o Santo Padre vai me receber. Tem uma grata lembrança de Brasília. Certamente ele dará uma bênção especial para Brasília — disse o Governador.

O encontro em Roma é sobretudo de caráter cultural e envolve duas cidades fundamentais que são Brasília e Roma. Em Paris, um pouco de lazer e uma conversa com o embaixador José Montello sobre a possibilidade de a Unesco tornar Brasília como patrimônio histórico da humanidade. E uma viagem particular sem envolver dinheiro público.

Em Paris só vou gastar dinheiro meu. Mandei suspender as diárias — disse o Governador. Mas sua viagem deu uma mão-de-obra monumental. O capitão Radaelli, chefe do cerimonial, quase enlouqueceu às voltas com os dólares, cruzeiros, diárias, certidões, passaportes, anulações, para enfim atender a postura do Governador: proibidade com o dinheiro do povo.

Em Madrid, o Governador é convidado oficial e pode participar de encontros políticos. Mas a cultura é o objetivo principal. Em Lisboa, também convidado do governo português, José Aparecido demora muito pouco, o bastante para contatos políticos, culturais e com a colônia brasileira, numerosa. E o ponto final de seu giro pela Europa.

Ele confessou que na sexta-feira recebeu o convite oficial do governo chinês para visitar Pequim, mas que descartou a possibilidade de atendê-lo agora. — Fica para outra data.

— Eu expliquei ao embaixador da China que não podia ir a Pequim este mês e ele delicadamente deixou que eu marcasse a viagem para uma outra ocasião. Mas irei sim.

O governador José Aparecido concordou em conversar mais sobre sua viagem sem deixar de lado as questões políticas que envolvem seu nome e seu trabalho.

**Jr — Quantas malas o senhor vai levar?**

**A** — Malas? — **Jr** — Sua bagagem. — **A** — Não, não. Eu viajo com pouca bagagem é uma viagem rápida. **Jr** — Vai levando muitos dólares. Governador? — **A** — Não. Não. Só o essencial e não é muito, não, mesmo porque tenho hospedagem paga em todos os lugares...

**Jr** — O senhor não leva alguns dólares para comprar lembranças? Muitos amigos não lhe pedem para trazer encomendas? — **A** — Não. Eu tenho diárias. Do governo. E o que eu recebo. Vou pagar o que for necessário e, se sobrar eu posso até me lembrar de você, que até está insinuando...

**Jr** — Não há possibilidade de o senhor encontrar com o Aníio Quadros na Europa? — **A** — Não. Eu acho até que nós vamos cruzar no ar. Eu tenho a impressão de que ele deve estar voltando amanhã. Hoje, domingo, eu vou ao Serro inaugurar um sino. Recolocar um sino centenário que está fora do Serro há 60 anos e que conseguimos fazer retornar. Foi uma providência que tomei quando secretário da Cultura em Minas no governo Tancredo Neves. Devem ir comigo o consultor-geral da República Paulo Brossard, e o jornalista Carlos Castello Branco que vai conhecer o Serro, além do deputado José Maria Magalhães e do presidente do Tribunal de Justiça daqui o desembargador Antonio Honorio de Oliveira Junior que é serrense.

**Jr** — Governador a imprensa publicou esta semana que várias personalidades políticas mantiveram um contato com o general Golbery e que entre essas personalidades foi citado o seu nome. O senhor manteve alguma conversa política com o mago de Luziania? — **A** — Você se assustou com meu nome por quê? Você acha que eu estou proibido de ver o general Golbery? Na verdade eu conheço o general há muitos anos desde os tempos do governo Aníio Quadros.

**Jr** — O senhor confirma que houve realmente um contato político com o general Golbery? — **A** — Não houve contato político. Eu fui convidado para jantar na casa de amigo comum e entre outras pessoas eu posso até citar que estava Claudio Lacombe, Luiz Orlando Carneiro, general Golbery, Lindberg Aziz Cury. Você percebe que era muita gente para ter conversa política. Nem segundo a tradição mineira. Benedito Valadares já ensinava que mais de dois é comício. —

**Jr** — Então não houve contato político? — **A** — Houve um encontro social. Muito amável. Conversas políticas, sim, e estava inclusive, além desses, o jornalista Carlos Castello Branco. Você percebe que ninguém ia conversar, não com medo que parede tivesse ouvido. E com o ouvido do Castello mesmo.

**Jr** — Governador a imprensa publicou — o Jornal da Tarde de São Paulo deu até destaque — que esse encontro seria uma aproximação do general com o Governador, ou seja, Golbery serviria de intermediário para compor um pacto com o presidente Sarney de quem é amigo também. —

**A** — Eu não acredito nisso. São especulações e que daqui pra frente vão crescer permanentemente. Elas vão ser feitas. E é natural. Nós estamos num momento de uma nova realidade até pela descompatibilização dos candidatos para uma Constituinte seja no Ministério ou seja no secretariado do Distrito Federal. Eu todos os dias estou vendo ai...

**Jr** — Um deputado do PMDB não gostou do encontro. Achou até que o Golbery já morreu. — **A** — Não. Você sabe que em política a gente... Eu nunca cruzei com um político vivo como cadáver. E uma alternção. Em geral sempre voltam ao exercício de sua vocação ou da sua destinação. E muito difícil você dizer que algum político está morto.